

# Manuel Maria em Portugal – Lusofonia e tomada de consciência identitária na Galiza.

CARLOS QUIROGA

Universidade de Santiago de Compostela

## **Resumo:**

Examina-se (em primeira instância) o relacionamento do poeta galego Manuel Maria com Portugal, e particularmente a sua colaboração na revista *Céltica*, lançada por Manuel de Oliveira Guerra – ativista e intermediário da relação entre a Galiza e Portugal – no início da década de 60 do século passado. Esta publicação tratava de «quebrar a capa de gelo» entre ambos, e nela se recolheram colaborações de Manuel Maria e de vários autores galegos, tanto de vivos e em plena produção como também de escritores já desaparecidos na altura, e tanto textos de criação como ainda de teor crítico e na forma de resenhas. O jovem Manuel Maria deu aí alguns contributos, que agora revemos e recuperamos, e retomou posteriormente o contacto com a filha de Oliveira Guerra. O caso, ainda não sendo dos mais significativos quanto ao peso absoluto da relação, permite ilustrar (em segunda instância) como na configuração sociológica do Sistema Cultural Galeguista Moderno tem sido central o contacto com a Lusofonia na tomada de consciência identitária.

**Palavras chave:** Manuel Maria, Galeguismo, Reintegracionismo, relacionamento Galiza-Portugal

## **Abstract:**

This paper examines the relationship of the Galician poet Manuel Maria with Portugal, and particularly his contributions to the journal *Céltica*, launched by Manuel de Oliveira Guerra, an activist of the relationship and mediator between Galicia and Portugal in the early sixties of the last century. This publication tried to «break the ice» between the two cultures, and it collected contributions by Manuel Maria and several Galician authors, living and on the height of their creative power as well as of those that had already disappeared at the time. It collected both texts of creation and of critical content or reviews. The young Manuel Maria made several contributions in this context that are recovered and reviewed here; later on he resumed contact with Oliveira Guerra's daughter. Although it is not one of the most significant examples, the case of Manuel Maria allows us to illustrate how central the contact with the Lusophone world has been for the identity awareness in Galicia.

**Key words:** Manuel Maria, galeguism, reintegracionism, relationship Galicia-Portugal

**1** A importância do contacto com a Lusofonia, especial e inicialmente com Portugal, é tão central, na configuração sociológica do que se deu em chamar Sistema Cultural Galeguista, que se poderia afirmar que a consciência do Galeguismo moderno nasce com esse contacto, e até desse contacto. Mas nem esta é uma tese de doutoramento que pretenda demonstrar hipóteses nem faltam já abundantes informações que fazem dessa afirmação algo mais do que uma conjectura: pretendemos homenagear o recentemente desaparecido Manuel Maria, examinando o seu caso, ainda que não seja dos mais significativos quanto ao peso absoluto dessa relação.

A acompanhar o processo de recuperação identitária, com o rechaço do sistema do qual se pretende a emancipação, que se colocou historicamente no par Castela/Espanha, decorreu a aproximação ao outro sistema cultural considerado como referente de reintegração, que se colocou historicamente em Portugal e no mundo lusófono, em virtude das afinidades linguístico-culturais enunciadas nas várias fases dessa mesma história pelos diferentes elaboradores de ideias e participantes no sistema cultural galeguista<sup>1</sup>. Na última fase do regime ditatorial, saído da guerra civil espanhola, o processo acelerou-se (retomando energias concentradas imediatamente antes do conflito), sendo neste período tardofranquista, nas décadas de sessenta e setenta, que os agentes e grupos de poder disputaram o controlo do campo de jogo para o restante quartel do século XX<sup>2</sup>. Os agentes e grupos que sustentaram o franquismo conseguiram desacelerar o referido processo identitário, concedendo – no pós-franquismo e até aos nossos dias – uma reduzida margem de crescimento autónomo, sempre dependente da centralidade do par Castela/Espanha, e retiraram visibilidade ao referente lusófono, obrigando a quem pretendesse ocupar posições de centralidade no campo do poder a realizar uma reformulação dos moldes identitários galegos em termos isolados ou isolacionistas. Se bem a tendência para o reencontro com a Lusofonia nunca se extinguiu, e até se poderia evidenciar de acrescido vigor nas bases do activismo cultural, não pretendemos examinar o presente (inquietante para a permanência de um sistema cultural galeguista), mas rever algumas circunstâncias desse passado decisivo através do exemplo de Manuel Maria. Se de caminho sobrevier alguma iluminação para o futuro, onde se vai jogar a definitiva sobrevivência da identidade galega, tanto melhor.

**2.-** Relativamente à obra e qualidades humanas de Manuel Maria, existe uma geral reverência e admiração públicas, fundamentadas de modo particular no conceito ‘compromisso’ entre o homem e a sua terra, por intermediação da escrita. Tal compromisso estaria sustentado em factores ideológicos constantes no decorrer de toda a vida do produtor dessa escrita. Os factores ideológicos, por outro lado, também determinaram a vertente estética da sua produção, em especial quanto a escolhas temáticas e mesmo em certas estratégias inclusive formais, e até pesaram na ‘perdurabilidade’ da obra e a sua projecção social, como se vem observando

<sup>1</sup> Cf. Cristina Loureiro Rodríguez, *O projecto de Rodrigues Lapa para a Galiza no tardofranquismo (1968-1975)*, TIT defendido na Faculdade de Filologia da USC (04-09-2006).

<sup>2</sup> Cf. Roberto López-Iglesias Samartim, «Ideia de Língua e Vento Português na Galiza do Tardofranquismo: o caso de ‘Galaxia’», in *Agália*, nº 83-84, 2º semestres 2005, Associação Galega da Língua, pp. 9-50.

ainda na roda de homenagens, exposição itinerante e congressos dos últimos meses. Ao lado deste factor, talvez exista também um olhar culto e de crítica mais ou menos apurado, seguramente pouco confesso mas impressivamente maioritário, para quem a maior parte da obra de Manuel Maria nem deslumbra nem emociona de maneira privada, como efeito contrário à consagração alcançada por factores ideológicos ou de ‘compromisso’.

Se coloco esta prescindível consideração liminar é porque na escolha desta figura para a presente abordagem concorrem especialmente os motivos do compromisso do autor, factor relevante em contextos de anormalidade política e cultural – como vem sendo o da Galiza equilibrada desde há séculos entre a procura de uma identidade própria e a sua integração no estado espanhol –, e porque se pretende nessa responsabilidade atestar, à luz do exemplo de Manuel Maria, a evidência histórica do contacto do galeguismo com a portugalidade, exibido em todas as retóricas da nossa cultura autocentrada como alicerce essencial para a sobrevivência dessa mesma cultura (desde o discurso de Murguía nos Jogos Florais de Tui à última afirmação de Manuel Fraga em intimidades culinárias, por exemplo, a respeito da versão para ‘galego’ da obra de Nélica Piñón – particularidade que não estamos em disposição, naturalmente, de provar).

Mergulhados no século XXI, creio termos perdido já tanto tempo que – mesmo no espaço cordial e afável da nossa descendência linguística do outro lado do mar –<sup>3</sup> levar a cabo esta breve aproximação, nada de novo ensina, quanto ao caminho a andar. Nada salvo o valor para assumir e manter prolongados compromissos na certeza de que a anormalidade está desaparecendo por eliminação alarmante da nossa realidade cultural distintiva. E, para além da abstracção, também nos recorda alguns detalhes de como o galeguismo histórico se foi re-cruzando com Portugal no tardofranquismo, visto através de Manuel Maria.

**3.-** Manuel Maria tomou contacto físico por primeira vez com Portugal na década de sessenta do século passado, exactamente em 1964, depois de ganhar o primeiro prémio do concurso *Nieto Peña* de Rádio Paris,

A Portugal fomos cun premio, de 15.000 pesetas, que me deu a sección galega da Radio Televisión Francesa. Levounos un amigo de Monforte, que tiña auto, e fomos vendo aquilo, moi despaciño, ata Lisboa. Unha cousa curiosa é que tódolos sitios onde parabamos eran de galegos. Alí merquei unha chea de libros, principalmente clásicos portugueses, e foi unha maravilla. (Del Caño, 1990: 105)

Mas o nome e a palavra do poeta galego já tinham chegado antes, acompanhando uma publicação e a aventura mais ampla promovida pelo escritor português Manuel de Oliveira Guerra, que iria falecer exactamente no Porto em 1964. Estou a referir-me à revista *Céltica* [Fig. 1], lançada por Oliveira Guerra na capital portuguesa do Norte<sup>4</sup>, e à criação do «Círculo de Estudos Galaico-Portugueses», inicialmente apoiado por intelectuais e artistas da Galiza e

<sup>3</sup> O presente texto foi apresentado em Salvador da Bahia, Setembro de 2006, na forma de comunicação ao *VIII Congreso Internacional de Estudos Galegos*.

a Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto. No início da década de 60, Oliveira Guerra lançaria a *Céltica*, instrumento do Círculo, publicação que tratava de «quebrar a capa de gêlo, esse afastamento de almas colectivas irmãs que sentem o mesmo, que tem o mesmo penumbroso modo de ser e se não comunicam nem dão as mãos», tal e como ele anunciava num dos preâmbulos significativamente intitulado «Ao que venho...»<sup>5</sup>.

Na *Céltica* participaram escritores galegos como Leandro e Uxio Carré, Pura e Dora Vázquez, Celso Emílio Ferreiro, Xosé M<sup>a</sup> Alvarez Blázquez, Isidro Conde, Antón Tovar, Avelino Abuim de Tembra, Miguel González Garcés, Xosé Díaz Jácome, Álvaro Paradela, Enrique Chao Espina, José M<sup>a</sup> Castroviejo, Victoria Armesto e Xohana Torres. Foram ainda aí publicados alguns poemas de escritores já desaparecidos na altura, e trabalhos sobre Noriega Varela, Eduardo Pondal, Ramón Cabanillas e Francisco Añón, para além de se recolher resenhas das obras de outros autores galegos. O programa efectivado parece seguir o postulado que o seu promotor também tinha definido,

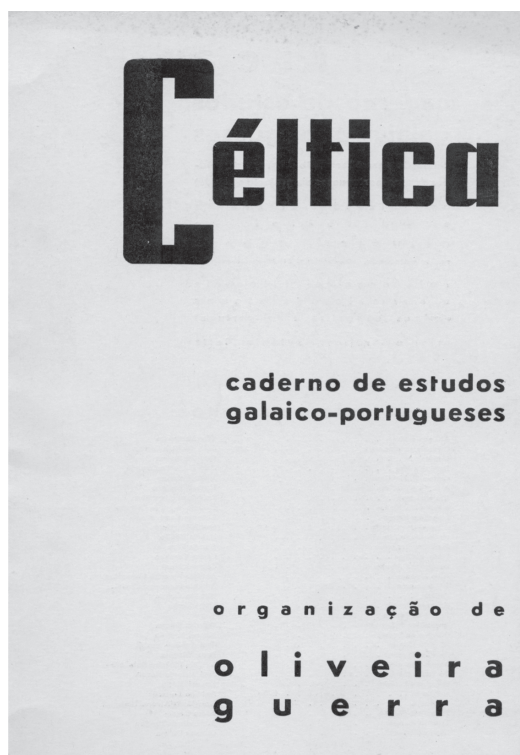
Porque não realizarmos com os galegos a mesma acção fraterna que vimos tratando de realizar com os brasileiros? Porque não nos virarmos para os irmãos da Terra Nai, a velha e linda Galícia, como nos viramos para os irmãos da nação filha, o opulento e promitente Brasil, estabelecendo com eles uma boa e salutar camaradagem sentimental e familiar que adóce e alivie as agruras da vida às gentes? (*Céltica*: 52)

<sup>4</sup> Oliveira Guerra foi um auto-didacta sem estudos feitos em escolas, que acabou por ser poeta e contista digno de atenção e que iniciou uma continuada e teimosa aproximação à Galiza. Viveu em Oliveira de Azeméis até aos 11 anos de idade, e, internado num sanatório por causa de grave doença óssea, ali passou praticamente toda a sua mocidade, com pequenos intervalos para os exames escolares. Ao centro sanitário deslocava-se uma professora para dar aulas aos doentes jovens, com a qual Oliveira Guerra aprendeu e desenvolveu os seus conhecimentos até à quarta classe (*Defesa de Espinho*, 5). Foi nesse Sanatório, o Marítimo de Francelos, ou do Norte, no prolongado internado entre a idade de 11 e 20 e tal anos, que nasceu o seu interesse pela Galiza e o empenhamento galaico-português, ao ler e reler alguns jornais galegos, segundo explica ao pormenor n' *O Girassol*, jornal por ele fundado e editado com menos de vinte anos no Sanatório. Não intervindo na sua segunda série, Oliveira Guerra foi mais tarde, em 1954-1955 e fora do Sanatório, convidado a dirigir uma terceira série. A sua aceitação permitiu que assim fossem editados mais alguns números com a sua orientação, a que pertence o que recolhe a citada explicação.

<sup>5</sup> Oliveira Guerra, «Ao que venho...», in *Céltica*, Porto, p. 52, supostamente no 2º número, pois não constando qualquer numeração nem data nos exemplares da *Céltica*, fiamos na informação de Maria Virgínia Monteiro, tendo por certo que os quatro números da revista foram publicados nos anos 1960 e 1961 do século passado. A ordem dos «cadernos», tal e como se lhe referia o seu fundador, viria dada pela paginação sucessiva –que não resulta tão óbvia à primeira vista. Assim, o primeiro ocupa 48 páginas, o segundo decorre entre a 51 e 144, o terceiro entre a 147 e 240, e o final entre as 243 e 336; em todos aparece a indicação de que foram impressos na Escola Tipográfica da Oficina de S. José; todos tiveram arranjo gráfico da mesma autoria, António Leite. O «índice» de cada caderno aparece sempre inscrito na página interior da respectiva capa e jamais no corpo da Revista propriamente dita, mas –sem indicação do número da página respectiva– é mais uma relação sequencial do conteúdo do que propriamente um índice. Talvez a capa não passava pela Censura, ou talvez simplesmente era impressa em último lugar.

Existia um núcleo de colaboradores permanentes do lado português (os mais firmes Hugo Rocha, Barata Feyo, Rebelo Bonito); um artista catalão, Tomás Casals Marginet, a colaborar não só com xilogravuras impressas mas ainda com um poema em catalão e um artigo sobre arte; e um núcleo galego, formado em volta, ao que parece, dos irmãos Carré Alvarellos: Lois, Uxio e Leandro. Eles acolhem e aplaudem o projecto, eles escrevem dilatados artigos sobre autores pontuais ou globais abordagens dos géneros da literatura galega, eles, enfim, traçam o panorama da relação galego-portuguesa.

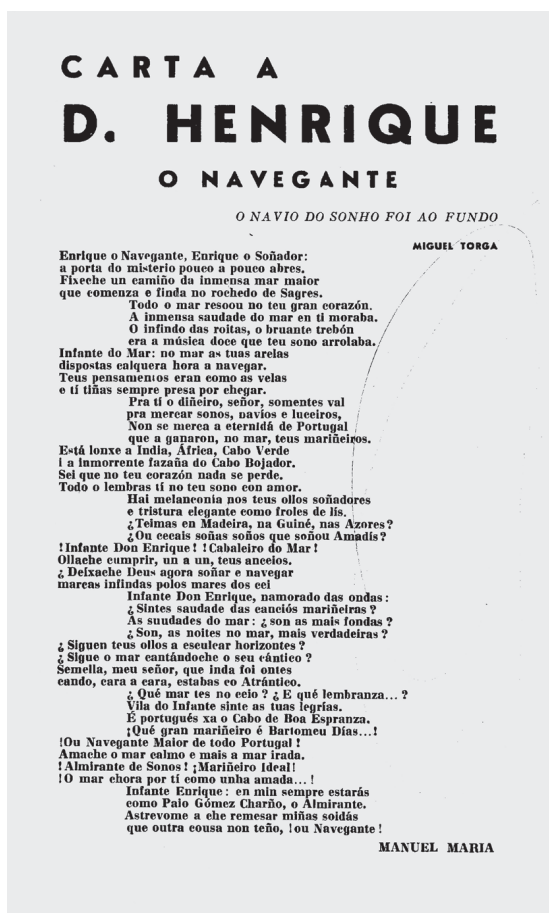




[FIG. 1] CAPA DA REVISTA *CÉLTICA* LANÇADA POR OLIVEIRA GUERRA NO PORTO, 1960.

Não foi a melhor altura para este empreendimento, não só pelas ditadura de ambos os lados da fronteira, mas ainda pelas circunstâncias especialmente complicadas do lado português, pois em princípios da década de sessenta inicia a sua actividade a guerrilha angolana. Diante do chamado para a defesa à integridade da pátria, acabaria por parecer suspeita esta estratégia de aproximação à Galiza. Até a revista se tornar inviável, o esforço de Oliveira Guerra colocou-se especialmente em apresentar a cultura de além-Minho aos portugueses, o que explicaria a maior presença quantitativa da poesia galega no instrumento de recolha e divulgação mais visível e interventivo de que dispunha o Círculo, a revista. Manuel Maria, que se tinha instalado em Monforte no ano 1958 e já era um autor conhecido na Galiza, seria convidado a participar nesta aventura, e publicaria a «Carta a D. Henrique o navegante» (*Céltica*: 65, cf. Fig. 2), no volume onde também é apresentado e abordado pelo próprio Oliveira Guerra, partindo do texto que abre o livro *Documentos pessoais*, de 1958, e que levava por título «Carné de identidade» (cf. Fig. 3). Oliveira pega no famoso verso de «labrego com algo de poeta» e explica como tomou conhecimento de Manuel Maria («Foi Abuin de Tembra...»), como lhe enviou o primeiro número da sua revista, e como Manuel Maria lhe enviou o poema dedicado a D. Henrique e o livro mencionado, do qual vai tirar e comentar alguns poemas (*Céltica*: 122-124)<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Manuel Maria, nesta primeira versão do poema, desconta um ano no seu «carné de identidade», pois afirma ter nascido no ano 30.



[FIG. 2] PRIMEIRA PUBLICACIÓN DE MANUEL MARIA NA REVISTA *CÉLTICA*, «CARTA A D. HENRIQUE O NAVEGANTE», p. 65.



[FIG. 3] APRESENTACIÓN DE MANUEL MARIA POR PARTE DE OLIVEIRA GUERRA, PARTINDO DO TEXTO QUE ABRE O LIVRO *DOCUMENTOS PERSOAIS*, DE 1958, «CARNÉ DE IDENTIDADE» (*CÉLTICA*: 122-124)

Publicará ainda Manuel Maria na revista *Céltica* o «Auto do Labrego» (*Céltica*: 320-330; cf. Fig. 4), e manterá correspondência com Oliveira Guerra durante o pouco tempo que este ainda vive, como demonstra o amplo comentario que publica em *EL Progreso* (cf. Fig. 5), no ano anterior à morte do autor portugués e ao da visita do poeta galego ao Porto, onde evoca a revista da sua estreia, e comenta a poesia dos varios libros recibidos,

Manuel de Oliveira Guerra, además de gran poeta portugués, es un apasionado amigo de Galicia y de la cultura gallega. Con verdadera y honda nostalgia recordamos su revista 'Céltica', de literatura y arte galaico-portugués que llegó solamente a su número cuatro y que era el mirador común —y por cierto magnífico— al que se asomaban los escritores y artistas portugueses y gallegos en entrañable hermandad.

Com efecto, Oliveira Guerra vai atar contactos com a intelectualidade galega (Guerra, 2002: 133; cf. Fig. 6), ainda que infelizmente a revista e o projecto de reencontro com a Galiza se verá seriamente dificultado pelas circunstancias políticas e o inicio da luta armada



PROSADORES DA GALIZA E DE PORTUGAL

AUTO DO LABREGO

A Ramón Patiño, amigo, pintor e poeta. E mais que nada, galego.

por MANUEL MARIA

A escea é un campo de labradío. Ó fondo unha montana que ten a variedade máis completa de verdes: na falda, o verde do piñeiro e de carballo e máis enriba, o verde das teixas de toxo; unhas con toxo novo i outras co toxo xa apañado. No meio do toxal o verde das carpazas e dos penedos. Na divisoria, entre a montana i o val, un regato ledo i algareiro eunha música como a da canción do melro  
No pano ollárase unha leira arada. Os sucos semellan pequenos ríos: eses ríos que fan xogando os nenos aldeás, con cadullos e cómaros. Os cómaros serán verdes e, de Aquilino Iglesia Alvariño,—cun verde de pasteiro que lira a branco.  
A luz é lene e vai cando amorosamente sobor da escea dando unha sensación de vida: da nosa vida de acóito.  
O Tempo estará presente e quedo.

ESCEA PRIMEIRA

Labrego — ¡Esta terra pesa!  
Muller — É natural que a terra pese.  
Labrego — Según. A quen non sinte a terra non lle pode pesar. A min esta terra pésame porque é miña. Porque a levo comigo a onde vou. Porque eu tamén lle pertenzo a terra. Eu son terra, miña amiga. E sintome na terra, no suco recén arado e na leira gradada de recén. Asoballar a esta terra é asobalharne a min.  
Muller — Está ben.  
Labrego — ¡Está ben! ¡Craro que está ben!  
Muller — Eu decía que a terra está ben como está. Mais a terra é escravitude.  
Labrego — No mundo, na vida, todo é escravitude. Olla ós namorados. Olla a este. Olla a aquel. Ollate a ti mesma. Todo é escravido de algo ou de alguén. Eu son escravo da terra: a mellor das escravitudes.  
Muller — os namorados non son escravos.  
Labrego — ¿E logo qué son?  
Muller — Servidores.  
Labrego — E o mesmo.  
Muller — Non é o mesmo. A estrela sempre aluma.  
Labrego — E cando a estrela non aluma hai que pechar os ollos. E cando aluma hainos que pechar tamén.  
Muller — Todos imos cos ollos pechos.  
Labrego — Todos non: eu sei o que quero.

[Fig. 4] PUBLICAÇÃO DO «AUTO DO LABREGO» DE MANUEL MARIA NA REVISTA CÉLTICA, PP. 320-330.

LETRAS PORTUGUESAS

LA POESIA DE MANUEL DE OLIVEIRA GUERRA

Por MANUEL MARIA

MANUEL de Oliveira Guerra, además de gran poeta portugués, es un apasionado amigo de Galicia y de la cultura gallega. Con verdadera y honda nostalgia recordamos su revista "Celtica", de literatura y arte gallego-portugués que llegó solamente a su número cuatro y que era el mirador común — por cierto magnífico — al que se asomaban los escritores y artistas portugueses y gallegos en un entrañable hermandad. Esperamos que ese hermoso sueño, que tuvo sólo una breve realidad, de Oliveira Guerra y nuestro, renazca nuevamente, como otra Ave Fénix, de sus propias cenizas y que su vida vuelva a ser próspera.

Cerde Porto, en la maravilla de este Ocho dorado y con las partiticas lluvias de este San Martiño, Manuel de Oliveira Guerra nos envió tres libros de poemas los que él es autor: "Padre... Nosso", en segunda edición, pues la primera es de 1932; "Coisas d'esta negra vida"; y "Alguns" cuya lectura nos impresionó vivamente.

Manuel de Oliveira Guerra es un poeta formalista en el sentido de que sigue apegado a las viejas formas métricas y gusta poco del verso libre que ya ganó su batalla definitiva en el campo de la expresión poética. A pesar de esto su poesía es viva y actual. Lo de menos es la forma que adopta la poesía. Lo importante es que los versos tengan auténtica emoción. Un libro de versos o es poesía o no lo es. Esto es, simplemente, el problema. Y Oliveira Guerra es un verdadero poeta. Un delicado y fino poeta lírico que pone, a veces, en sus versos una inteligente ironía. Gusta el poeta portugués del uso del soneto que de su pluma salen con una suma perfección. Los sonetos de Oliveira Guerra son tan magistralmente perfectos que alguien lo calificó como el mejor sonetista con que actualmente cuentan las letras portuéguesas. Los versos de este poeta desbordaban emoción y amor. Están llenos de una gran ternura y de una inmensa comprensión hacia sus semejantes. Son, en una palabra, Poesía.

Con frecuencia encontramos en la poesía de Manuel de Oliveira Guerra una literatura de protesta y de denuncia, escrita ya en el año 1932, cuando todavía no se hablaba ni remotamente de poesía social o de literatura comprometida. Concretamente en su libro "Padre... Nosso", el poeta portugués denuncia valientemente, sin tapujos y sin pelar en la lengua, un estado de cosas lamentable y reacciona violentamente contra los estrechos moldes de una sociedad mezquina, llena de hipocresía. En este sentido su poesía, a nuestro modo de ver, está emparentada con la de Guerra Junqueiro. Y también con buena parte de la poesía gallega: Rosalía, Curros Enriquez, Cabanillas... cuya tradición se mantiene también viva en Galicia con la obra de Celso Emilio Ferreiro. Oliveira Guerra presta su voz poética a los oprimidos y a los que sufren, a los que tienen hambre de pan y de justicia. Y este viejo libro suyo es asombrosamente actual y válido en todos sus aspectos. Y esto es una buena prueba de su calidad.

La colección de poemas "Coisas d'esta negra vida" sigue, en parte, la línea poética comenzada en "Padre... Nosso". Otra parte del libro es esencialmente lírica. En este volumen abundan los sonetos. Alguno de los poemas de este libro son verdaderamente impresionantes:

Nevia que esquecer a vella  
e a fé na Liberdade láo amada  
e amá-los como Deusas mae  
gestosos,  
senhores duma Bondade Himn-  
[ada...]

— \* —

Havia que endeuas-los ou  
[males] los  
nos seus altares dourados  
entre lumes, louvores e fobas  
e muito incensados...  
O este poema titulado "Fita lon-  
ga" del que damos estos versos:  
Deixal de representar  
senhores políticos máis,  
esta comedia son par...]

— \* —

Deixal de representar  
isto que afirm já é drama  
o drama que faz chegar...  
En el poema titulado "A Bo-  
ta" hay unas alusiones — todo el  
poema es una crítica irónica y  
emarga — a este mundo nuestro  
tan preocupado por el fútbol y  
la marcha de la Competición de  
Liga:

La fora passa gente presau-  
para o Jogo da bola, divertio e  
que anima o povo, divertio o  
povo, instruí o povo  
e o povo consola...]

A) lado de estos versos nos  
encontramos con otros tan deli-  
cosamente poéticos como estos:  
Pinheiros lírios e fros  
de estomatura esportiva  
mordidos por arpijos  
quando os bato o ventral...  
O con estos otros tan encan-  
damente populares:  
Penetra, oh! penetra  
que tanto penetra,  
rodando, rodando

por cima das e'vas,  
Por cima das e'vas,  
rodando, rodando,  
penetra, oh! penetra  
que estás penetrando...  
El último de sus libros, titulado  
"Alguns", que es castellano  
se traduce por "espigas" es un  
volumen que se abre todo al ha-  
cia la intimidad del poeta. Es un  
libro de poemas líricos, tremenda-  
mente subjetivos en los que sen-  
timos latir un corazón humano  
que va herido por todas las tris-  
tezas del mundo y desolado por  
la belleza de la Creación. Men-  
sos apasionados que hay que leer,  
que es necesario leer, con los ojos  
del alma.

En este volumen no falta, no  
podía faltar de ningún modo, la  
vivencia del sentimiento de la sus-  
tancia; sentimiento que nos her-  
mana a gallegos y a portugueses:  
A miña Irma Saudade é como  
[panheta]  
que non me desampara un só  
momento,  
como el hubiera feito un Ju-  
framento  
de convivir conmigo a vida in-  
[telas].  
Sentimos no conocer los otros  
libros publicados por Oliveira  
Guerra y que son "Ave Maria" y  
un volumen de cuentos titulado  
"Cammino Longo" para dar una  
impresión completa, aunque de un  
modo breve, del resto de su obra.  
Con los tres libros de versos  
e nos hacemos referencia en este  
artículo, nos hacemos una idea  
bastante aproximada, aunque exacta,  
de la interpenetración y rica perso-  
nalidad de este gran poeta en el  
campo literario y que es un fiel  
perfil, por otra parte, de su gran  
personalidad humana.

La voz poética de Manuel de  
Oliveira Guerra es verdadera y  
denuncia valientemente lo que no  
crece justo, como ya queda seña-  
lado someramente. La voz de Oli-  
veira Guerra es honda y amolida-  
nada, y nombra nuestro más  
profundo sentir. La voz de Oliveira  
Guerra es la voz de un poeta ver-  
dadero que renueva lo más hondo  
de nuestro ser y nos aclara  
nuestro propio sentir. En esta voz  
poética inmensa reconocemos  
los propios ansios y las propias  
esperanzas. Y esto sólo puede ser  
el arte de un gran poeta. De un  
gran poeta como es Oliveira Guer-  
ra que sacrifica muchas veces  
la fulgurante belleza de las me-  
táforas para habernos directa-  
mente en el lenguaje común, con  
los palabras que usamos todos  
los días pero que no se gastan  
rápido. Porque las palabras de  
poeta siempre saben llegar mila-  
rosamente a nuestra más cerrada  
intimidad.

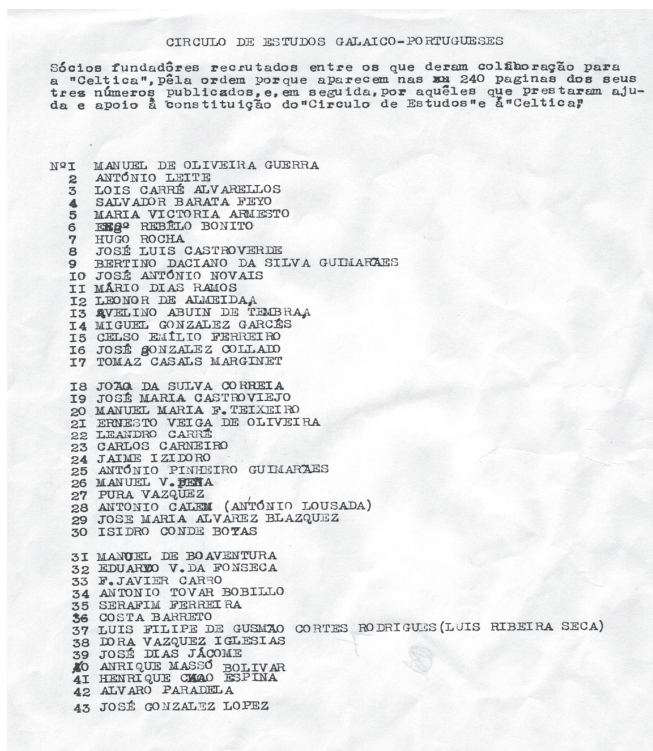
EL PROGRESO, de Lugo, 15 de Sanmartiño, 1963

[Fig. 5] COMENTÁRIO DE MANUEL MARIA SOBRE OLIVEIRA GUERRA PUBLICADO EM EL PROGRESO, 1963.



DA ESQUERDA PARA A DIREITA, EMÍLIA GUERRA, OLIVEIRA GUERRA, MERCEDES PINTOS DE CONDE, PURA VASQUEZ, D. RAMÓN PIÑEIRO, D. ENRIQUE MASSÓ  
FOTO: INDRIO CONDE

[Fig. 6] VISITA DE OLIVEIRA GUERRA E ESPOSA A SANTIAGO DE COMPOSTELA, NUMA FOTO DE IMPRENSA NA QUE APARECE COM RAMÓN PIÑEIRO, ENTRE OUTRAS PESSOAS (DO ÁLBUM DE MARIA VIRGINIA MONTEIRO).



[Fig. 7] LISTA DOS «SÓCIOS FUNDADORES» DO CÍRCULO DE ESTUDOS GALAICO-PORTUGUESES, NA QUE APARECEM VÁRIAS PERSONALIDADES GALEGAS: LOIS CARRÉ ALVARELLOS (EM 3º LUGAR), MARIA VICTORIA ARMESTO (5º), JOSÉ LUIS CASTROVERDE (8º), AVELINO ABUIN DE TEMBRA (13º), MIGUEL GONZÁLEZ GARCÉS (14º), CELSO EMILIO FERREIRO (15º), JOSÉ MARIA CASTROVIEJO (19º), LEANDRO CARRÉ (22º), PURA VÁZQUEZ (22º), JOSÉ MARIA ALVAREZ BLAZQUEZ (29º), DORA VÁZQUEZ (38º), ETC. MANUEL MARIA É O 20º.

em Angola, como já se indicou. De todos os modos, Manuel Maria vai aparecer na lista dos «sócios fundadores» do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses com o número 20º (cf. Fig. 7), que será quem o acolha na sua visita ao Porto, e quem inicie a sua promoção em Portugal:

Pola mesma época leváronme a Porto para dar unha conferencia na Casa dos Jornalistas e Homes de Letras. Aquilo foi terrible. Primeiramente falou o presidente daquela asociación, despois falou outro señor en nome dos homes de letras, seguidamente Hugo Rocha, o redactor-xefe de *O Comercio do Porto*, fixo unha presentación minha que durou corenta e cinco minutos, María Alejandrina, unha poetisa portuguesa que morreu hai pouco, leu uns poemas meus traducidos ó portugués e, por fin, comencei eu a conferencia, que abreviei o máis posible. Regaláronlle á Saleta un ramo de caraveis brancos e azuis, representando a bandeira galega. Alí apareceu unha señora de oitenta e tantos anos, Isabel Guerra (a filla do gran poeta Guerra Junqueiro), e convidounos a que lle fosemos ver, ó día seguinte, a casa-museo de seu pai. Os portugueses dicían que esta señora era moi fea, e chamábanlle *O Castigo do Pai Eterno*. A min pareceume unha muller normal, moi agradable e simpática... Botaba copas e fumaba que daba gusto. (Del Caño, 1990: 106-107)

A continuación daquele contacto, que tinha suposto a sua iniciação na revista *Celtica*, reatou-se entre Manuel Maria e a escritora e filha de Oliveira Guerra, Maria Virgínia Monteiro, a quem devemos cópia de cartas, relativamente recentes, em que ainda se recorda aquele ponto de encontro e relacionamento (cf. Fig. 8, 9 e 10).



Monforte de Lemos, 8-6-1993

A Maria Virgínia Monteiro  
Praia de Graña

Moi querida amiga: Con enorme sorpresa e alegría recibín as tuas cartas e o libro de poemas "Mulher de Lotu". Entregoumeas en Ourense, o pasado día 5, un redactor del "Faro do Voto". Atopeino na Feira do Libro a que eu fun facer o preson. Obrigadísimo por todo e, dun xeito especial, polas breves letras de D. Maria Emilia que nos empuxou a Saleta e a mim. Para ela unha fraternal aperta vosa. Ela e Oliveira Guerra firmo

aides e xeneros amigos vosos. E sepueu a talo.  
Estou conforme co que escribeteu M.A. Pura - do que escribeteu poemas - de "A Mulher de Lotu". Gosto destes versos tan cheos de musicalidade, de sutil melancolía, de amor pola creación e de beleza. A marxe de modas, e modas, o que importa, e que os versos teñan poesía, e dicer: misterio e poder de suxección. E "Mulher de Lotu" teñena. Para mim ven moi debido mioulla.  
Eu cauto ao fermoso son que foi "Celtica", entendo contacto coa "Biblioteca Couceiro", República do Salvador, 9: 15701 Santiago de Compostela. Couceiro está interesadísimo polo libro e as publicacións

[FIG. 8] CARTA DE MANUEL MARIA DESDE MONFORTE DE LEMOS, 1993, PARA A ESCRITORA E FILHA DE OLIVEIRA GUERRA, MARIA VIRGÍNIA MONTEIRO, COM ALUSÕES AO PASSADO RELACIONAMENTO.

Manuel Maria Javier Forte, 1 Portal 1 - 1ª día. Telf. 981 214 089 - 15002 A Coruña

22.1.2002

A D.ª Virgínia S.T. Guerra  
Vila Nova de Gaia

Querida amiga: Pido desculpas por un ter escrito antes. Foi debido a unha quebra na miña saúde. Unha enfermiz provocoume un trombo. Estiveu hospitalizado, perdín vista nun ollo e prendo algo na fala. Estou recuperado. Con todo fazo unha vida moi metódica, procuro nun falar para o público, nun pronunciación en conferencias nen recitais e mesmo, polo momento, suspendín a miña colaboración na prensa. Nun teño vontade de escribir, aunque si de ler. Alegrárame ese merecido homenaxe, o inesquecible Oliveira Guerra, tan amigo da Galiza o meu persoal. Sinto na alma non poder participar nel, debido as circunstancias espostas.  
- Dos amigos da época - Garcés, Isidro Coude, Ilesia Alvarado... - só quedamos a Pura Vázquez e mais eu. A Pura está ben: ten dificultades de andar pero escribe cunha gran de lucidez. O seu enderezo é: Apartado Correos 272 - Ourense.  
Entregoume Pilar Tallarés o teu derradeiro poemario, fermoso e delicado do que costeo un pouco. Obrigado polo envío e pola dedicación feliz ano. Cariñosos saudos do amigo Manuel Maria

[FIG. 9] BILHETE DE MANUEL MARIA, JÁ DESDE A CORUNHA, EM JANEIRO DE 2002, E TAMBÉM PARA MARIA VIRGÍNIA MONTEIRO, FAZENDO RECONTO DOS GALEGOS DO CÍRCULO AINDA VIVOS E ALUDINDO À HOMENAGEM A OLIVEIRA GUERRA PROMOVIDA PELA SUA FILHA.

Manuel Maria Javier Forte, 1 - Portal 1 - 1ª día. Telf. 981 214 089 - 15002 A Coruña

20-2-2002

Excusa D.ª Maria Virgínia Guerra,  
Vila Nova de Gaia.

Querida amiga: Muito obrigado pola cariñosa e xenerosa carta que me enviou. O teléfono de Pura Vázquez é: 988 24 41 78. O seu enderezo: Apartado de Correos 272. Ourense. Descoidado o nome da rua e o número de onde mora, aunque estiven algunha vez na sua morada. Quando lle escribo dirixo a correspondencia ao teu apartado.

Celebro que o homenaxe a Oliveira Guerra sexa un grande éxito. Foi un home bo e xeneroso, grande amigo da Galiza e meu. Quando unha grande lembranza del e de D. Maria Emilia. Agradecería me teñan informado de como corre todo.  
Vou recuperando moi ben.  
Mudaron o nome da rua na que vivo. Agora chámanse Javier Forte, 1. O resto non mudou.  
Obrigado por todo.  
Saudos moi cariñosos do vello e agradecido amigo Manuel Maria

[FIG. 10] NOVO BILHETE DE MANUEL MARIA DESDE A CORUNHA, EM FEVEREIRO DE 2002, PARA MARIA VIRGÍNIA MONTEIRO, AGRADECENDO CARTA E FACILITANDO ENDEREÇO E TELEFONE DE PURA VÁZQUEZ EM OURENSE, E ALUDINDO À HOMENAGEM A OLIVEIRA GUERRA.

Do encontro físico com Portugal nasceu o poema «Portugal», que o galego insere num livro de 1970, *Remol*, com dedicatória a Maria Alexandrina (a poeta portuguesa que o tinha apresentado a ele no Porto), e que vai ainda seleccionar para um volume de auto-escolhas publicado dois anos depois (Manuel Maria, 1972b: 164-165)<sup>7</sup>:

### **Portugal**

*pra Maria Alexandrina*

Ceguei a Portugal co corazón na mau  
na amante companha de Saleta.  
Percurei a Camões i a Camilo  
e só atopei ao mar diante de mín.

¡Atopei o mar! E sempre o mar  
escoitando aos pinheiros rumorosos.  
O mar da epopeia e dos naufraxos  
eternamente deitado rente a tí.

¡Qué lonxe Angola e Mozambique!  
Macao, case irreal, carne de sonho,  
E tí, meu Portugal, na veiramar,  
dándolhe as costas á sedenta Iberia.

En tí atopei os sonhos meus.  
Reconhocín en tí o meu espírito.  
Todo estaba tan perto ao corazón  
que todo o corazón o adivinhara.

Comprendo, Portugal, a túa fachenda,  
o teu sino arrepiante e grandioso.  
O coitelo que levas chantado no espírito  
fai escoar a tristura feita fado.

Non quero falar de Don Henrique,  
nin de feitos groriosos, memorabeles.  
¡Só quero decir que a túa saudade  
é o reino que anecía a minha alma!

<sup>7</sup> A versão do texto aqui recolhida é a da edição de Razão Actual, Porto.





[FIG. 12] FOTOGRAFIA DE MANUEL MARIA COM RODRIGUES LAPA EM ANADIA, 1973.

[FIG. 11] CAPA DE *NOVENTA E NOVE POEMAS (1950-1970)*, O CONJUNTO DE AUTO-ESCOLHAS DE MANUEL MARIA PUBLICADO NO PORTO EM 1972.

Com um pórtico em que coloca a constante acompanhante do autor, Saleta Goi, aparece, em expressão simples, a devoção primária e quase iniciática de uma voz entregue ao deslumbramento por uma terra que dá «as costas á sedenta Iberia», «En tí atopei os sonhos meus». Sem que as alterações sejam sistemáticas, repare-se que a representação ortográfica da palatal nasal é aqui -nh-, e o mesmo acontece com a palatal lateral, -lh-, e assim no resto dos poemas deste volume (cf. a capa, Fig. 11).

Vencer os jogos florais de Guimarães (1971) e editar esta antologia, obrigam o autor ao reencontro com as terras do sul do Minho, em 1972, e permitem o contacto de Manuel Maria com o agente português mais activo e principal na tendência de aproximação da Galiza a Portugal, cuja proposta codicológica reintegracionista estimula neste período um debate central sobre a função atribuída à língua e à natureza da língua da Galiza em relação aos modelos lingüísticos luso e brasileiro. Referimo-nos, naturalmente, a Manuel Rodrigues Lapa, que tinha publicado a sua tese de doutoramento em 1929, *Das origens da poesia Lírica em Portugal na Idade Média*, provocando o interesse imediato da juventude galeguista compostelana. Lapa viaja por primeira vez à Galiza em 1932, para assistir à homenagem em Lugo ao líder galeguista Afonso Rodríguez Castelao e ao seu regresso a Lisboa escreve para *Seara Nova* o trabalho «Castelao e a Galiza», onde realça a irmandade luso-galaica, dá entrevistas (*Diário da Noite*) na mesma linha, e começa a trabalhar pela aproximação cultural. A iniciativa é

secundada pelo núcleo galeguista da Galiza, como se evidencia nos textos editoriais de *Nós* (Loureiro, 2006: 35). Em 1933, as críticas de Lapa ao sistema educativo (realizadas numa conferência em que não deixa de aparecer o caso galego e o problema ortográfico), provocam a rescisão do seu contrato de professor. Ganhará concurso para a entrada na Faculdade de Letras de Lisboa, mas o regime de Salazar insere-o na 1ª lista censória do funcionalismo público português e será expulso em 1935. Dedicado agora à *Seara Nova*, coordena o nº 425 dedicado ao centenário de Eduardo Pondal, onde colaboram escritores galegos e, à morte de Castelao, Lapa apressa-se a dedicar-lhe um quádruplo número da *Seara Nova*. Escreve uma comovida dedicatória em que manifesta as suas afinidades e recorda a ideia do reencontro galego-português como uma das teses que partilham (Loureiro, 2006: 39).

4.- Manuel Maria encontra em Coimbra um Rodrigues Lapa já retornado do Brasil, onde não se tinha esquecido da Galiza nos trabalhos e artigos publicados, onde tinha dedicado inclusive cursos a temática galega –sobre contistas contemporâneos e sobre poetas modernos. Ao retorno definitivo em 1962, Lapa é imediatamente detido, mas «solto na mesma data por ordem da Secção Central, por pedido de captura publicado na O. S. 4/62, ter deixado de interessar», segundo consta na ficha da PIDE (Loureiro, 2006: 41). Também retornara à Galiza, em 1963, para dar uma conferência na inauguração da Biblioteca Penzol, e em 1964, para leccionar um curso na universidade compostelana; e já Galaxia lhe tinha dedicado na altura o nº 4 da recentemente estreada *Grial*, onde Fernández del Riego (com o pseudónimo de Salvador Lorenzana) explica trajetória e ideias, às que adere, num extenso artigo. Ao retorno em Lisboa, Lapa escreve de novo, sobre Castelao. Eis, pois, o contexto em que se produz o mencionado encontro da Universidade de Coimbra, que explica também a acolhida de respeito e entusiasmo que brindam a Lapa os estudantes, pois a figura intelectual do professor tem já prestígio mundial, e é associada ao pensamento democrático, algo que muito admira a Manuel Maria,

Fun dar recitais por todo Portugal cando unha editora do Porto publicou *Auto Escolla Poética de Celso Emilio Ferreiro e 99 poemas de Manuel María*. Foi comigo o editor, Arsenio Mota, e o Pintor Pousa. Pasamos vinte días inesquecibles. Daquilo, o que recordo con especial emoción foi que na presentación de Coimbra, os estudantes puxéronse de pé e adicáronlle unha ovación cerradísima a Manuel Rodrigues Lapa, que entraba no momento de començar o acto. Alí foi onde eu o coñecín. Noutra viaxe fixémoslle unha visita o Lois, a Saleta e mais eu. Rodrigues Lapa estaba moi interesado polos problemas do idioma e, sobre todo, tiña unha ansia tremenda de saber o que era ETA. Pedíume unha serie de información sobre ETA, que non lle puiden dar. (Del Caño, 1990: 108)

Rodrigues Lapa ainda teve a generosidade de dar à editorial Galaxia, em 1965, a 1ª edição crítica completa de toda a poesia de escarnho e mal-dizer, com vontade explícita de «refazer a unidade espiritual da nossa grei» (Lapa, 1975: 47). É um Rodrigues Lapa que se preocupa pela Galiza, por ele considerada raiz da cultura portuguesa, e assim desde a década de trinta, entrando em contacto com o galeguismo cultural e político, apoia desde muito cedo



[Fig. 13] CAPA E CONTRA-CAPA DE *ODES NUM TEMPO DE PAZ E DE ALEGRIA*, PUBLICADO NO PORTO EM 1972, QUE APRESENTA MANUEL MARIA COMO «UM POETA NA PUJANÇA DA SUA CARREIRA», «UMA DAS VOZES MAIS IMPORTANTES E COMPROMETIDAS NA GALIZA LITERÁRIA DE HOJE».

a tese de que a salvação da cultura e a língua galega passa por identificar-se com o português. Manuel Maria é o escritor galego de maior difusão no Portugal da altura, mas estava ligado à luta política clandestina no bando da UPG e em relação com o PCP (Loureiro, 2006: 44). Rodrigues Lapa, que não era comunista, sabia seguramente mais de Manuel Maria, da cultura galega e da relação de poder entre os campos culturais, do que o poeta chairego, e o encontro entre ambos, ainda que reincidente (Manuel Maria estaria também em Anadia em 1973, Cf. Fig. 12), talvez não foi aprofundado pelos receios políticos de Lapa e porque o activismo deste se movia no nível académico e das elites culturais.

Manuel Maria publica imediatamente em Portugal, em 1974, outros dois livros (cf. Fig. 13), que o apresentam com «um poeta na pujança da sua carreira», «uma das vozes mais importantes e comprometidas na Galiza literária de hoje»<sup>8</sup>, e lhe permitem ampliar os contactos portugueses:

Mais tarde publicáronse en Portugal *Odas nun tempo de paz e ledicia* e *Os soños na gaiola*. No ano 73 ou 74 recibín unha invitación do Centro Internacional de Idiomas, de Lisboa, para darlle un cursiño a licenciados en portugués e profesores de liceo. Alí coñecín

<sup>8</sup> Segundo a contra-capa de *Odes num tempo de paz e de alegria*. O outro livro é *Sonhos na gaiola*, editado pelos Serviços Sociais dos trabalhadores da C. G. D. em 1977 (versão do mesmo título que tinha sido editado em 1968).



ó doutor Francisco José Velozo, co que teño unha gran amizade. O Antón da Ponte, de Ourense, contoume que a última vez que foi Otero a Lisboa só visitou a Francisco José Velozo. Este señor estivo de xuíz en Braga, tivo moito que ver coa revista *Catro Ventos*, paréceme que chegou a ser presidente do Tribunal Supremo de Portugal e tamén foi presidente da Asociación da Lingua Portuguesa. (Del Caño, 1990: 108)

Tinha publicado na *4 Ventos* de Braga o *Auto do Taberneiro*, e aparecen aínda em Portugal traballos críticos<sup>9</sup> e varias obras, como a 1ª edición do *Laio e cramor pola Bretaña*. Lisboa, a cidade que non é unha cidade, porque é a cidade, como cantará posteriormente (no poema que leva esse nome no libro de 1985, *O camiño é unha nostalxia*), foi percorrida da man do novo amigo lisboeta acima referido:

Francisco José Velozo ensinounos Lisboa case pedra a pedra. Foi unha maravilla. Tivemos moitos contactos con xornalistas e co doutor Pedro Cabo Fernández, que era presidente da SONAP, a CAMPSA portuguesa. Este señor descendía de galegos. Leváronnos á casa de Sofía Melo, a poetisa portuguesa, e asistimos alí a unha xuntanza literaria moi requintada, incluso había escritores que falaban en francés. Entre os asistentes estaba Carlos Oliveira, que morreu moi axiña. Co doutor Cabo Fernández descubrimos un pouco Lisboa *la nuit*: casas de fados e lugares de espectáculos. Aqueles foron uns días inolvidables. Logo fun a un congreso, ó lado de Setúbal, onde coñecín a Saramago. Outras veces teño ido convidado pola Asociación de Escritores Portugueses e pola Sociedade de Autores Portugueses. Estiven no Teatro Gil Vicente, de Coimbra, e na Universidade, levado polos estudantes. Falei na Universidade de Lisboa e na do Miño, en Braga... (Del Caño, 1990: 108)

Francisco José Velozo vai recordar esta amizade no seu contributo á homenage tributada a Manuel Maria, significativamente intitulada «A Galeguidade Portuguesa» (Velozo, 2001: 571-574), e a ele (e «Ao Gualter Póvoas») dedicará o propio Manuel Maria, no libro já citado, *O camiño é unha nostalxia*, outro poema com o título repetido de «Portugal», dedicatória que non está presente quando o texto se publica na revista *Nordés* em 1982 (Manuel Maria, 1982a: 13). Nestas visitas a Portugal, onde Manuel Maria, como afirma Velozo, «o grande viajante espiritual achou-se em casa, sem esforço, por nunca se ter desprendido do substrato nativo» (Velozo, 2001: 572), não só conhece, enfim, intelectuais e escritores, como Saramago, mas passa até pela televisão portuguesa (cf. Fig. 14). Contudo, a vida de Manuel Maria, como ser humano e como poeta, desenvolve-se prioritariamente ligada à Galiza, cuja história acompanha na fase intensa de debate linguístico que agora se abre, também de encruzilhada fundamental para a chamada Literatura Galega, após a ditadura.

<sup>9</sup> Referidos a Xosé Crecente Vega (na revista *Biblos*, de Coimbra, em 1968) e à poesia galega de pós-guerra (na revista *Lingua e Cultura*, de Lisboa, em 1972).



[Fig. 14] FOTOGRAFIA DE MANUEL MARIA ENTREVISTADO NA TELEVISÃO PORTUGUESA, 1974 (FONTE DEL CAÑO, 1990).

A chegada da «Autonomia» coincidiu com a aparição de um mercado de consumo ligado ao ensino em galego, mercado simultaneamente ligado a uma norma ortográfica, que logicamente afectou os utentes directos que os escritores eram. Nesses anos, os incipientes organismos oficiais, emanados da estrutura estatal espanhola, tentaram e conseguiram instaurar legalmente para a escrita um código separado do português. Quem acatou esse código separado do português e próximo do espanhol, com inibição grave no problema da língua galega e da sua ortografia, participou do novo-riquismo; quem não acatou, começaria a passar para uma perigosa reserva, com risco de ficar inédito ou como muito exótico, um risco que Manuel Maria não parece temer num princípio – apesar de não ser um intelectual e estar ligado aos ditados da UPG em matéria política e cultural. O desencontro trágico entre as forças de ambas as polaridades, em que não estava comprometida unicamente a literatura, corresponde a duas estratégias gerais mais amplas, como já sabem, a que pretende afastar o galego do seu sistema, acatando a pseudo-autonomia concedida pelos agentes e grupos que sustentaram o franquismo, e a reintegracionista, que pretende fazê-lo convergir no seu sistema e que agrupa o galeguismo identitário pleno. Os manuais ecoam a história de quem acatou mas dissimulam, quando não escondem, a opinião discordante, como a de Manuel Maria, para quem estava bastante clara a questão:

–¿Que opina do reintegracionismo?

–Estou a favor. Non escribo en reintegrado, porque cando comenzou este movemento eu xa era vello, son algo preguiçoso, e teño uns hábitos de escritura de trinta anos. Pero gustárame que se utilizase a grafía do portugués, conservando o noso propio idioma. A primeira razón na que me baso para dicir isto, é que a grafía portuguesa vaille mellor. En

segundo lugar por diferenciar a ortografia galega da española. E por último, porque isto favorecería tremendamente que tódolos lusófonos puidesen ler ós escritores galegos, sen grandes dificultades. A ortografía parécese unha ponte importante. Xa no ano 54, falando deste problema co poeta catalán, Carles Riba, diciame que se eles tivesen un estado ó lado cunha lingua semellante, como temos nós, farían unha aproximación a el. Isto é esencial. Creo que parte do futuro da nosa lingua e a súa expansión natural está cara a Portugal. O resto da xente do estado español é moi diferente a nós, hai moitos séculos de mentalidade centralista enriba, e eu coido que os escritores de linguas periféricas, en Madrid, non se len nin traducidos. (Del Caño, 1990: 110-111)

Manuel María publica na Galiza de inicios dos anos oitenta dois libros que empregam a ortografía histórica de convergência com as variantes lusas, elaborada nesses anos pola Associação Galega da Língua, e que tinha o precedente das *Directrices* de Martinho Montero Santalha<sup>10</sup>. O famoso «Decreto de bilinguismo» (*BOE* 199 e 200, de 20 e 21 de Agosto de 1979), que estabelecera a possibilidade de incorporar o galego ao sistema escolar, afixando uma série de requisitos que o dificultavam seriamente<sup>11</sup>, provocou intenso debate na altura<sup>12</sup>, com a aparição do modelo normativo que será chamado de «mínimos»<sup>13</sup> e a preparação de uma norma guiada desde o governo autonómico<sup>14</sup>. As elites académicas (e não só) debatem, às vezes com virulência, sobre a viabilidade das normativas que começam a perfilar-se, coincidindo

<sup>10</sup> O título completo é *Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa*. O autor tinha dirigido a secção «O idioma» em *A Nosa Terra*, e já antes se tinha manifestado, no número 51 de *Grial*, em favor de uma normativa substancialmente comum com a luso-brasileira para o galego, que deveria ser introduzida de modo progressivo. Sobre este assunto, cf. o trabalho de Diaz Fouces, 2001.

<sup>11</sup> Acordo do Claustro e da APA do Centro, relação do professorado responsável, plano pedagógico-organizativo (com número de alunos, áreas e horários), aprovação por uma Comissão Mixta de representantes da Administração do Estado e do governo autonómico provisório (cf. Diaz Fouces, 2001).

<sup>12</sup> No mesmo mês, durante as *III Xornadas do Ensino* organizadas pela *Asociación Sócio-Pedagóxica Galega* (AS-PG), o Decreto foi analisado e qualificado como «neocolonial e anti-galego» (cf. *A Nosa Terra* 75).

<sup>13</sup> Nas *Xornadas do Ensino*, mencionadas na nota anterior, foi distribuído entre os assistentes o opúsculo *Orientacións para a escrita do noso idioma*, pequeno prontuário que será divulgado em muitos cursos durante o ano académico 1979-1980, e passará a ser referencial para o semanário *A Nosa Terra*, definindo os alicerces do modelo normativo que passaria a ser conhecido popularmente como «os mínimos» (cf. Diaz Fouces, 2001).

<sup>14</sup> Em Setembro desse mesmo ano, a Conselharía de Educación da Junta da Galiza faz pública uma lista com os nomes dos membros de uma *Comisión de Lingüística*, criada para elaborar uma proposta normativa, que deveriam empregar os organismos autonómicos e, em geral, que daria resposta às necessidades que colocava o «Decreto de Bilinguismo». O boletim oficial da Junta da Galiza núm. 10, de Junho de 1980, publicou as normas aprovadas pela comissão, presidida por Ricardo Carvalho Calero, escritor e professor universitário, primeiro catedrático de galego da nossa história, principal teórico do Reintegracionismo. O relatório/proposta normativa caracterizava-se pelo seu carácter «liberal», deixando um bom número de escolhas aos utentes, de modo a permitir uma escrita com diferentes graus de proximidade com o resto do diassistema luso. As Normas da Comissão de Linguística, porém, resultaram efémeras. Uma das encomendas que o «Decreto de bilinguismo» atribuía à Comissão Mixta formada por membros da administração estatal e autonómica era a de autorizar os livros de texto e o material escolar para o ensino da Língua Galega. Acolhendo-se de jeito abusivo a essa circunstância, uma ‘Subcomissão de Programação de textos’ prepara logo a seguir uma nova proposta normativa, substancialmente diferente da que tinha elaborado a Comissão de Linguística, que será publicada no boletim da Junta núm. 15, de Dezembro de 1980. Em geral, as escolhas institucionais orientam-se agora, de forma mais que evidente, cara ao afastamento ortográfico do sistema luso-brasileiro (cf. Diaz Fouces, 2001).



com a dificultosa introdução da língua galega no ensino e com as barreiras que colocava o Decreto de bilingüismo<sup>15</sup>.

Neste contexto é constituída, ainda em 1981, a *Associação Galega da Língua*, AGAL, na que se vai integrar Manuel Maria. A AGAL nasce com o propósito declarado de conseguir uma substancial reintegração idiomática e cultural da língua galega (nomeadamente na sua manifestação escrita), na área linguística e cultural que lhe é própria, a galego-luso-africano-brasileira, bem como potenciar todo tipo de actividade que propenda para o objectivo da recuperação dos usos do galego, segundo os seus Estatutos. Enquanto com a AGAL e a posição reintegracionista coincide especialmente a AS-PG<sup>16</sup>, grupos políticos da esquerda nacionalista (PSG, EG, PG) fazem questão em dar prioridade a «Unha ortografía que foi usada polo povo», argumento que não convence Manuel Maria, apesar de ser um «poeta do povo», mesmo «labrego poeta», apesar de disciplinado militante da esquerda. E o autor publica os *Versos do lume e o vaga-lume* em inícios da década de oitenta [Fig. 15].

Enquanto uma parte dos sectores sociais mais comprometidos com a língua fica à procura de um acordo normativo que, segundo todos os indícios, começa a ter no Reintegracionismo o eixo vertebrador, os acontecimentos precipitam-se<sup>17</sup>, e aparecem as normas RAG-ILG, que vão ganhar imediatamente a condição de «oficiais»<sup>18</sup>. A AGAL, para além de dotar-se da revista *Agália*, edita um pormenorizado *Estudo crítico das «Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego»* (1983), em que analisa todos os pontos da Normativa

<sup>15</sup> Nos anos oitenta começa a haver recapitulação acerca da polémica ortográfica (Valdivia, 1982), e o debate impregna *A Nosa Terra*, o único periódico redigido integralmente em galego. Nesse semanário aparecem trabalhos importantes sobre o debate (na perspectiva reintegracionista os de A. Gil Hernández, por exemplo; a perspectiva contrária podemos achá-la a par em *La Voz de Galicia*, na série de artigos de Monteagudo e Fernández Rei; uma outra revista nascida na altura, *O Tempo e o Modo*, que só chegou a publicar um número, trata o tema da normativa e especifica que o idioma oficial da publicação é o galego-português). (cf. Diaz Fouces, 2001).

<sup>16</sup> Cf. relatório que publica *A Nosa Terra*, 192. Tinham decorrido o *I Encontro Nacional da Língua*, de 29 de Maio, e do *II Encontro Nacional sobre a situación lingüística*, Março de 1982, este dedicado monograficamente à normativa, convocados pela AS-PG (cf. Diaz Fouces, 2001).

<sup>17</sup> Será enviada aos membros da Real Academia Galega (18 de Junho de 1982) a convocatória de uma reunião extraordinária com um ponto único na ordem de trabalhos, «Estudo da ponencia sobre a unificación das normas ortográficas e morfológicas do galego, entre a Real Academia Galega e o Instituto da Língua Galega». A convocatória junta um rascunho, e o rogo de que «non pase aos medios de comunicación nin se lle dea publicidade mentras non teña lugar a Xunta Extraordinaria» (cf. *Temas de O Ensino* 4/5:158). Porém, a informação relativa à convocatória chega aos meios de comunicação, que tentam estar presentes, embora só se admita o acesso dos jornalistas de *La Voz de Galicia* e *El Ideal Gallego*, mas não os de *A Nosa Terra* (nos núms. 196-197, p. 5, afirma-se, literalmente, que a RAG pretendia a imposição de uma normativa «que fixese que o galego se acercase ao español para así ser máis facilmente asimilado por este, ao mesmo tempo que fuxia do seu tronco comun, o luso-brasileiro»). Em 1982 virá a lume a primeira edição das *Normas* conjuntas da RAG e do ILG, cânone *isolacionista* em que alicerça a estratégia do afastamento relativamente à Lusofonia (cf. Diaz Fouces, 2001).

<sup>18</sup> O DOG núm. 36, de 20 de Abril de 1983 inclui o Decreto 173/1982, de 17 de Novembro, «sobre a normativización da Língua Galega». No Dia das Letras de 1983 será distribuída uma brochura, a inaugurar a colecção de textos legais (e até o funcionamento) do *Servicio Central de Publicacións da Xunta de Galicia*. As normas RAG-ILG passam a ser obrigatórias para todos os centros escolares da Galiza em que tem competência a Junta (art. 4) e o seu uso será requisito indispensável para a aprovação de livros de texto e material didáctico (art. 5). O Decreto acaba de completar um quadro *iuslingüístico* na Galiza que inclui outros dois fundamentos: o Estatuto de Autonomia (LO 1/81, de 6 de Abril) e a Lei de Normalização Linguística (L 3/1983, de 15 de Junho), cujo artigo 1 dispunha que «*O galego é a lingua propia de Galicia. Tódolos galegos teñen o deber de coñecelo*

RAG-ILG e que virá fornecer o suporte teórico para a própria articulação normativa (que apresentará em 1985 no seu *Prontuário ortográfico galego*): uma normativa substancialmente comum à luso-brasileira, possibilitando a intercomunicação escrita sem esforço suplementar, e que se mantém fiel à realidade histórica do galego. Nessa normativa e com publicação da AGAL se edita o livro de Manuel Maria, *A luz ressuscitada*, em 1984 [Fig. 16].

A aparição de mais colectivos reintegracionistas, o material didáctico, a presença em foros internacionais<sup>19</sup>, alinhou neste pensamento vultos destacados das Ciências da Linguagem e da Literatura, nomeadamente do âmbito lusófono. Um novo *Encontro Nacional sobre a normalización lingüística*<sup>20</sup> deu como primeiro resultado a constituição da *Mesa pola Normalización Lingüística* (de que faziam parte inicialmente as entidades citadas e o Colectivo de Professores de Língua e Literatura Galegas), e o «Manifesto por un acordo necesario»<sup>21</sup>, que defende a necessidade de rejeitar a representação gráfica espanholizada e iniciar um período de distensão para debater as necessidades reais da codificação da língua, precedente mais ambicioso da última revisão normativa de 2003, em que não participou o reintegracionismo. Pelo meio, alguma divisão provocada pelos Acordos ortográficos da própria Lusofonia, dividiram as estratégias entre adoptar um português padrão ou manter a linha do *Prontuário* da AGAL, identificando assim a sociedade galega mais devagar com a escrita lusófona. Nesse conturbado contexto, desde princípios dos anos oitenta do século passado, Manuel Maria adere claramente ao ponto de vista do reintegracionismo. Assim o manifesta ainda anos depois, criticando duramente a Academia:

–Entón valoras moito a postura de Carballo Calero.

–Eu coido que si. A de Carballo Calero e a de toda a Agal. Eu son socio de Agal e estou con eles. A min o que me parece inconcebible é a operación que fixeron coa ortografía galega. En primeiro lugar, xúntanse unha chea de filólogos para dar estas normas. Entendo que un idioma feito por filólogos é aberrante, porque teñen unha deformación profesional

---

*e o dereito de uso*». Esse dever de conhecimento atingirá todos os espanhóis com vizinhança administrativa em alguns dos concelhos galegos (cf. o art. 3). Porém, em Outubro de 1983 o Governo Central aceitou em parte a proposta de recurso perante o Tribunal Constitucional que enviou a Delegação do Governo na Galiza, recorrendo o **dever** de conhecimento. O Delegado do Governo na altura era, precisamente, a mesma pessoa que o Presidente da Real Academia Galega (cf. Diaz Fouces, 2001).

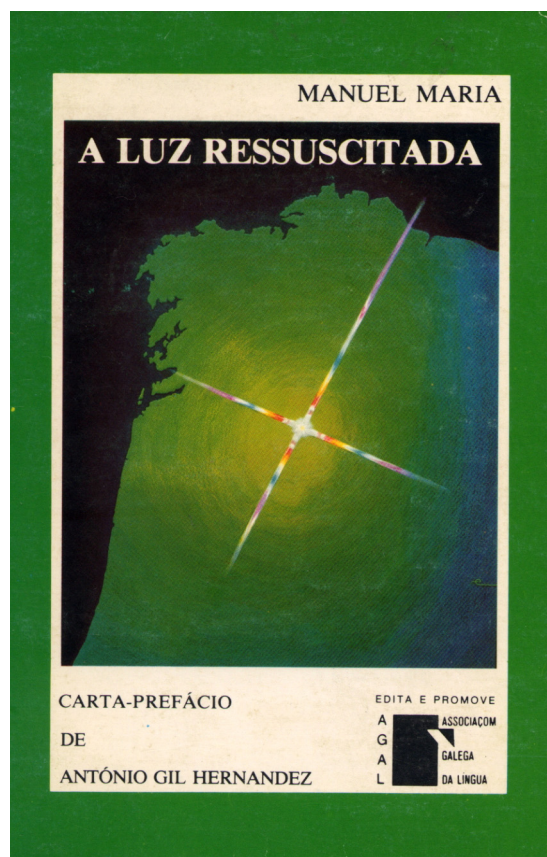
<sup>19</sup> Encontros e congressos promovidos pela *Associação Internacional de Lusitanistas, Escritores Luso-Galaicos, Associação Portuguesa de Linguística, Escola d'Estiu de Gandia, Congreso Mundial Vasco, Congrès Internacional de la Llengua Catalana, Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, etc.

<sup>20</sup> Convocado em Abril de 1986 pela *Asociación de Escritores en Lingua Galega*, a AS-PG, a Federação do associacionismo cultural e a AGAL; seriam convidados a assistir ainda profissionais do ensino, sindicatos e partidos políticos, o ILG, a RAG e as principais editoras galegas.

<sup>21</sup> De 15 de Maio de 1986, assinado por professores de 54 Liceus de Bacharelato, 31 de Formação Profissional, dois de Ensino Integrado, a Escola de Oficial de Idiomas e o Colégio Universitário da Corunha e as Escolas Universitárias de Formação do Professorado de Santiago de Compostela, Lugo e A Corunha. O Manifesto defende, em síntese, a necessidade de rejeitar as representações gráficas espanholizadas do Decreto 173/1982 e de iniciar um período de distensão para debater as necessidades reais da codificação da língua, longe das imposições vividas nos últimos anos.



[FIG. 15] CAPA DE *VERSOS DO LUME E O VAGA-LUME*, DE MANUEL MARIA, PUBLICADO EM 1982 EM ORTOGRAFIA REINTEGRADA, OURENSE, GALIZA EDITORA.



[FIG. 16] CAPA DE *A LUZ RESSUSCITADA*, DE MANUEL MARIA, PUBLICADO EM ORTOGRAFIA REINTEGRADA EM 1984, SANTIAGO DE COMPOSTELA, ASSOCIACOM GALEGA DA LINGUA.

que mete medo. No asunto do idioma penso que teñen moito que dicir os escritores, que son os que traballan con el. É dicir, que isto foi unha cousa de laboratorio. Pasóuselle á Real Academia Galega, que non é unha academia da lingua, aínda que o señor García Sabell e os seus muchachos queiran dar un golpe de man nese sentido. A Academia pretende non cubrir moitas prazas, para que non se meta ninguén que non sexa de Galaxia. Os galaxios xa non chegan para cubrir os postos. En consecuencia van reducir o número de académicos a vintecinco. Eu coído que debía ser ó contrario, porque canta máis xente puidese participar, mellor se farían as cousas. Por outro lado, na Academia está unha chea de xente que non ten nada que ver coa lingua, nin con nada. Hai uns señores que nin sequera escriben en galego, e impórtalles moi pouco. Este é o caso do señor José Luís Bugallal. Meixide Prado é un erudito que fai a maior parte das súas cousas en castelán. Hai unha bibliotecaria que só fixo dous folletos. Gil Merino, que eu saiba non ten publicado un só libro, nin fala galego porque é de Palencia. Marino Dónega é un avogado e tampouco se lle viu nada. Río Barxa é un xeógrafo... (Del Caño, 1990: 111)

Insistindo o entrevistador sobre a «utopia» do reintegracionismo, Manuel Maria recoloca a questão na sua justa formulação, tantas vezes adulterada do ponto de vista de quem pretende manter o afastamento entre o galego e o português:

–Eu só estou porque se escriba coa grafía do portugués, nada máis. Non estou por aportuguesar pronuncias e formas; entón sería mellor pasar ó portugués enteiramente. Pero coido que tampouco é iso o que queren. Tentan unha aproximación ó portugués, defendendo a identidade do galego. (Del Caño, 1990: 112)

**5.-** Quase finalmente, e sendo este o parecer e a trajectória de Manuel Maria – que consta coerente e convencida durante toda a sua vida –, perguntamo-nos até que ponto os dois livros *Versos do lume e o vaga-lume* e *A luz resuscitada*, que tinham sido anteriormente publicados em ortografia reintegracionista, até que ponto deviam passar a recolher-se, na mais recente edição completa da sua obra (Manuel Maria 2001), noutra ortografia que não fosse a reintegrada. Perguntamo-nos até que ponto a saúde e as capacidades de Manuel Maria poderiam contribuir, nessa altura, para realizar a nova edição «*baixo a supervisión atenta do autor*», e até que ponto se legitima um «*rigoroso exercicio de unificación lingüística dos textos, respectando en todo momento as escollas léxicas do poeta e as variantes ‘chairegas’ que, no plano afectivo, unen as formas da lingua empregada á terra que lles é propia*», segundo manifesta o seu editor, Miguel Anxo Fernán-Vello (Manuel Maria 2001: 8). Pretensas formas próprias, como a reposição «A penas *un pequeno mensaxe*» (*sic* no índice, no interior repara-se a forma feminina, II-146), ou «A *unhos* cornos de vacaloura» (II-149), ou «*Xardís*» (II-193), por referir só algum título de poemas retocados.

Manuel Maria, em última instância, poderia ter sido vítima de alguma inibição final quanto ao problema da língua e da sua ortografia, a mesma que alastrou no último quartel do século XX pela maioria dos escritores – ainda que por diversos motivos –, beneficiados da aparente abertura mercantil para a escrita isolacionista. Parecia que se podia inclusive olhar para outro lado, no relativo aos mecanismos de censura sobre a modalidade ortográfica de continuidade histórica, o lado das recompensas económicas e de reconhecimento social e literário. Manuel Maria não pertencia exactamente aos velhos mestres que padeceram centralmente a ditadura (Blanco-Amor, Dieste, Cunqueiro, Carvalho Calero, Jenaro Marinhas), e a sua geração foi a dos novos-maduros que participaram na recuperação dos anos 50/60. Estes terão sido talvez os menos formados, como o próprio Manuel Maria reconhece, e terão enfrentado outras prioridades, como as marcadamente políticas, para participar com efectividade na disputa ortográfica. Estavam até mais inabilitados do que os autores mais novos e numerosos, cuja estreia se dá nos anos 80/90, que acreditam maioritariamente terem nascido na abundância e que correm com energia à procura de um lugar ao sol, acalentados com o recente negócio editorial de que puxava o ensino. Toda a vaga inclinou velhos e jovens, todo o quadro aparentemente existente, e nele Manuel Maria e os seus editores finais –ainda que esse não é todo o quadro.



A história oficial foi dando aos aderentes à estratégia do afastamento entre galego e português espaço, algum prestígio social e até certos lucros ligados aos prémios e ao mercado subsidiado, em cuja cumplicidade se criou toda uma estrutura mercantil e académica confortável, instaurada no último quartel do século XX na Galiza. Esse é o quadro mais visível. A par dele tem subsistido a opinião e as práticas intelectuais, literárias e culturais contrárias, com colectivos empenhados em desenvolvê-la, que correspondem à estratégia genericamente conhecida como *reintegracionista*. É essa que ainda hoje chama a atenção sobre o compromisso de Manuel Maria com a Galiza. Porque no seu percurso se prova a importância do reencontro com Portugal e com a Lusofonia para a tomada de consciência Galeguista. A aproximação a este referente produziu-se por contacto geográfico e humano, por troca literária e publicação, por reconhecimento e assimilação das afinidades linguístico-culturais. Manuel Maria manterá esta posição inclusive quando dentro da Galiza se retira visibilidade ao referente lusófono, e quando até certo nacionalismo galego e todo o campo do poder sobre a língua se submetem a realizar uma reformulação dos moldes identitários galegos em termos isolados ou isolacionistas. Uma coincidência com os interesses do centralismo espanhol de que, por outra parte, já tinha advertido Carvalho Calero, essa figura altamente valorada por Manuel Maria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Céltica*. Porto: Escola Tipográfica da Oficiana de S. José (sem data). [4 exemplares sem numerar, com paginação correlativa].
- Defesa de Espinho*, 27/Janeiro/1994. Espinho.
- Del Caño, X. M. (1990). *Conversas con Manuel María*. Vigo: Edicións Xerais
- Diaz Fouces, O. (2001). «Apontamentos sobre a socialização do Reintegracionismo». In *Agália* 67-68, 9-34.
- Estudo crítico das «Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego»* (1983). Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua.
- Guerra, O. (2002). *Escritos. Dois contos e alguns poemas*. Coordenação e selecção de Alexandra F. Ramos. Edição Jornal *A Voz de Azémeis*.
- Lapa, M. R. (1975). «A Galiza, o galego e Portugal». *Biblos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- López-Iglésias Samartim, R. (2005). «Ideia de Língua e Vento Português na Galiza do Tardofranquismo: o caso de ‘Galaxia’». In *Agália* 83-84, 2º semestres. Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua, 9-50.
- Loureiro, C. (2006). *O projecto de Rodrigues Lapa para a Galiza no tardofranquismo (1968-1975)*. Trabalho de Investigação Tutelado defendido na Faculdade de Filologia da USC (04-09-2006), inédito.

- Manuel María [Fernández Teixeira] (1957). «Auto do Taberneiro». *4 Ventos*. Nº 10, Braga.
- (1963). «La poesía de Manuel de Oliveira Guerra» (in «Letras Portuguesas»). *EL Progreso*. Lugo (15 de Outubro de 1963).
  - (1968). «Notícia da Vida e da Poesia de Xosé Crecente Vega». Separata de *Biblos*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
  - (1972a). «Noticia da poesía galega de posguerra». *Língua e Cultura*, volume II, nº 1. Lisboa.
  - (1972b). *Noventa e nove poemas (1950-1970)*. Porto: Razão Actual.
  - (1972c). *Odes num tempo de paz e de alegria* Porto: Razão Actual.
  - (1973). *Laio e cramor pola Bretaña*. Lisboa.
  - (1977). *Sonhos na gaiola*, arranjo de Arsénio Mota e António Cabral. Serviços Sociais dos trabalhadores da C. G. D. (versão do mesmo título de 1968).
  - (1982a). «Portugal». In *Nordés –Poesía e Crítica*, Abril, II data, nº 7. Edición do Castro, p. 13.
  - (1982b). *Versos do lume e o vaga-lume*. Ourense: Galiza Editora.
  - (1984). *A luz ressuscitada*. Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua.
  - (2001). *Obra poética completa*. Volume I (1950-1979) e Volume II (1981-2000). A Coruña: Espiral Maior.
- Montero Santalha, M. (1979). *Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa*. Edição de autor.
- O Girassol* 10, Outubro de 1955. Sanatório Marítimo de Francelos.
- Valdivia, S. (1982). «A polémica da normativización. Breve historia dun desacordo». In *La Voz de Galicia*. 27 de Junho.
- Velozo, F. J. (2001). «A Galeguidade Portuguesa». In *Manuel María, libro homenaxe / organizado pola Asociación Cultural Xérmolos*; coordinado por Alfonso Blanco Torrado. Lugo: Ophiusa, 571-574.